

**BECKER, Howard. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 308p.**

THIAGO BRANDÃO PERES

Howard Becker é reconhecido mundialmente por sua notável riqueza e curiosidade intelectual. O sociólogo americano é autor de uma extensa e influente obra. Dentre seus inúmeros livros, destacam-se: *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance* (1963); *Uma teoria da ação coletiva* (1977); *Art Worlds* (1982) e *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais* (1993).

Integrante da prestigiada *Escola de Chicago*, encontra sensível ressonância na ciência social brasileira, em particular na literatura antropológica. Seus estudos enfatizam a pesquisa de campo e o controle rigoroso do trabalho empírico. Entusiasta da atividade intelectual do nosso país, publica na revista *Sociological Theory*, “um simpósio com textos de autores brasileiros” (Velho, 2002, p.11) intitulado *Social Theory in Brazil*, em 1992.

O recém-lançamento de Howard Becker, *Falando em Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social* (2009) examina os limites e as possibilidades da atividade representacional. Traduzido por Maria Borges e revisado por Karina Kuschner, o livro consiste, sobretudo, em um esforço teórico cujo objetivo é debater a representação, abordando-a como uma atividade coletiva.

Dividido em duas partes, respectivamente, *Ideias e Exemplos*, a organização de *Falando da Sociedade* assemelha-se a uma “rede de pensamentos e exemplos” (Becker, 2009, p.11), pois sua forma, similar ao hipertexto, libera o leitor de uma ordem obrigatória de leitura.

Nos dois primeiros capítulos, *Falando da sociedade* e *Representações da sociedade como produtos*

*organizacionais*, o autor sintetiza a perspectiva que permeará todo o livro: levar em conta as dimensões analíticas que outros campos (ou *mundos*, para utilizarmos a terminologia do autor) como cinema, fotografia, a dramaturgia, romances, documentários nos oferecem. Provocativo, afirma que a elaboração de representações não é uma atividade exclusiva de cientistas. Um dos seus objetivos é demonstrar que não existe uma forma mais apta a representar o social:

Defensores da ciência desejarão nos perguntar que mapa preferimos – aquele feito por um cartógrafo formado ou o confeccionado por um amigo que vive na cidade ao lado? [...] Depende do objetivo para o qual quero o mapa. Se for pra chegar à casa do meu amigo prefiro ter o mapa feito por ele (*Op. cit.*, p.274).

Segundo os termos de Becker, a atividade representacional abarca um imenso território. Tanto as representações que realizamos enquanto leigos no curso da vida diária, quanto as elaboradas por profissionais altamente especializados que lançam mão de equipamentos e conhecimento específico servem para alguma finalidade.

Parece mais útil, mais favorável a uma nova compreensão das representações, pensar em todos os modos de representar a realidade social como *perfeitos...* para alguma coisa (*Op. cit.*, p. 29, grifos do autor).

Ao inserir a representação em um contexto organizacional, Becker preocupa-se, particular-

mente, com a divisão do trabalho da atividade representacional. Esquemáticamente, esta pode ser definida como uma comunidade interpretativa, composta de “produtores” de um tipo singular e padronizado de representações, e “usuários” que as utilizam para objetivos padronizados. Desse modo, uma representação é produto da ação coletiva de atores sociais interessados na sua produção e recepção. O terceiro capítulo, *Quem faz o quê?*, assinala as distintas formas segundo as quais produtores e usuários dividem, entre si, a atividade representacional.

Compete aos produtores consentir maior ou menor grau de trabalho interpretativo aos usuários: de um lado, estatísticos podem acentuar células indicando linhas ou colunas para circular o que consideram relevantes. Em outro extremo, fotógrafos podem não colocar legendas sob suas fotos visando ampliar as possibilidades de interpretação. Entretanto, sobretudo, repousa no usuário o significado final de uma representação: interpretá-la. Afinal, o usuário pode não ter a habilidade ou conhecimento necessário para “desembrulhar” a representação ou simplesmente não querer fazê-lo. Estas são as questões sobre as quais versam os capítulos *O trabalho dos usuários e Padronização e inovação*.

Dialogando com as orientações metodológicas de Malinowski, Radcliffe-Brown, Margaret Mead, James Clifford, Clyde Kluckhohn, em *O resumo dos detalhes*, Howard Becker enfatiza como a etnografia, a prosa histórica e biográfica, a fotografia, o cinema documental e ficcional, têm de desempenhar a difícil tarefa de abreviar o material coletado, reduzir detalhes, resumir anotações e relatos de campo, entrevistas, realizar edições; e, neste processo, tornam o que foi colhido mais inteligível e assimilável.

*A estética da realidade* pondera sobre a questão da veracidade de uma representação e a impossibilidade de dar-lhe precisão e realismo absolutos. Segundo o autor, podem-se criar conhecimentos sobre o social “bons o suficiente” (*Op. cit.*, p.116)

para a finalidade em que serão empregados. Para tanto, a representação deve estar em consonância com “o acordo social em acreditar” (*Op. cit.*, p.118) e os critérios de credibilidade de uma dada organização social.

O último capítulo da primeira parte, *A moralidade da representação*, aborda como a atividade representacional suscita questões morais para participantes, produtores e usuários em inúmeros aspectos: a representação insidiosa; atribuir mérito, culpa ou conferir papéis de herói e vilão aos participantes de uma ação social. A moralidade aqui também é analisada como um produto organizacional, um acordo moral entre produtores e usuários.

Na segunda parte do livro, *Exemplos*, Becker apresenta oito ensaios sobre áreas não convencionais de representação. E medita a respeito de como estas desempenham a tarefa de relatar o social.

No primeiro ensaio, *Parábolas, tipos ideais e modelos matemáticos: análises úteis em que não acreditamos*, o autor expressa como essas três representações “irrealistas” são ferramentas indispensáveis para revelar as interconexões entre elementos do mundo real através da observação de sua lógica em um caso ideal-típico.

O mesmo acuro encontramos em *Diagramas: pensar com desenhos*, ao demonstrar como cientistas potencializam suas representações ao lançar mão de imagens e diagramas. Empregar o “componente visual do pensamento” (*Op. cit.*, p.167) para traçar relações de parentesco, classes, casta, redes, etc., pode auxiliar a tornar descrições complexas mais inteligíveis.

Becker compara e examina três tipos de atividade fotográfica em *Sociologia visual, fotografia documental e fotojornalismo*. Através da análise de inúmeras fotografias, dentre as quais destacam-se os trabalhos de Robert Frank, em *The Americans* e Douglas Harper, em *Good Company*, o intelectual da Escola de Chicago complexifica as fronteiras de cada atividade. Demonstra-nos como as

fotografias podem assumir distintos significados ao serem inseridas em diferentes contextos organizacionais.

Em *Drama e multivocalidade: Shaw, Churchill e Shawn*, o sociólogo americano enfatiza, com muita criatividade, como os dramaturgos Bernard Shaw, Caryl Churchill, Wallace Shawn em suas obras, respectivamente, *A profissão da Sra. Ware*, *Mad Forest*, *Aunt Dan and Lemon*, exercitam a ideia de multivocalidade e prosa dialógica ao permitirem que múltiplos personagens representem diferentes pontos de vista.

Para abordar o próximo ensaio, faz-se necessário abrirmos um pequeno parêntese. Em outubro de 1978, Becker e Goffman vieram ao Brasil por ocasião de um simpósio realizado no Copacabana Palace. Ambos eram colegas quando estudantes “no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago” (Velho, 2002, p.12) e mantiveram proximidade afetiva e intelectual até o falecimento de Goffman, em 1982. As pesquisas de Goffman e suas reflexões sobre instituições totais são referências constantes na literatura antropológica brasileira.

O ensaio *Goffman, linguagem e a estratégia comparativa* não poupa elogios à trajetória intelectual do referido autor. Becker constrói uma análise atenta da metodologia presente em sua obra, *Manicômios, prisões e conventos*, e de como seu procedimento metodológico tornou exequível uma profunda compreensão dos manicômios e seus estudos sobre “instituições totais” (Becker, 2009, p.226).

*Jane Austen: o romance como análise social* lança luz sobre a complexa teia de relações sociais e “carreiras maritais” (*Op. cit.*, p.243) presentes no livro *Orgulho e preconceito* de Austen. Segundo o

sociólogo, uma etnografia dos costumes e práticas de casamento “de um grupo particular da aristocracia rural inglesa no início do século XIX” (*Op. cit.*, p.233).

*Os experimentos de Georges Perec em descrição social* adentra as obras *Les Choses* e *Jê me souviens* para abordar os usos e limites da escrita e da descrição, e como a presença de detalhes aparentemente aleatórios, contidos nas obras de Perec, na verdade evocam um modo de vida, uma cultura específica de um estrato social.

O último ensaio *Ítalo Calvino, urbanologista*, debruça-se sobre o livro *Cidades Invisíveis*. Nesta obra singular nos são apresentadas 55 descrições fantasiosas e poéticas de cidades que Marco Polo retrata em uma série de conversas com o imperador Kublai Khan. Becker indaga como os relatos dessas cidades fictícias evocam novas dimensões de práticas sociais e aspectos muito sutis sobre generalizações acerca da vida urbana e organização das cidades.

E aqui, cabe então, uma última consideração: *Falando da sociedade* é fruto de um trabalho intelectual singular. Contém um esforço de tentar abrir o saber sociológico para outras formas e possibilidades analíticas de relatar o social. É, sobretudo, um convite à inventividade e criatividade.

## Referências bibliográficas

- VELHO, Gilberto. *Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil*. Sociologia. [online]. Maio 2002, n.38, p.9-17. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292002000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292002000100002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0873-6529. Acesso em: 29 agosto 2011.

**autor** **Thiago Brandão Peres**  
Graduando em Ciências Sociais / UFRJ

*Recebida em 30/08/2011*  
*Aceita para publicação 19/09/2011*